

## “SIRVAM O SENHOR COM TEMOR E ALEGREM-SE NELE COM TREMOR” (SI 2.11)

### O SALMO 2

O Salmo 2 nos coloca diante de uma combinação improvável de dois sentimentos. Alegria e medo. Esta é uma sobreposição de duas emoções que são paradoxais. Temer e se alegrar não coexistem de maneira tão fácil assim, e, por isso, poderíamos nos perguntar de que forma uma pessoa se regozija enquanto treme de medo? “São duas emoções contraditórias, mas talvez totalmente adequadas quando confrontadas com o SENHOR. Essa expressão única quem sabe capta um pouco do que significa estar sujeito a ele” (Saleska, 2020, p. 154).

Como um todo, o Salmo 2 consiste na proclamação da bem-aventurança para quem reconhece o senhorio de Deus e do seu Ungido e “nele se refugia” (v.12). Originalmente ele fora composto para a coroação de reis davídicos, e seus conselhos primariamente são dirigidos a reis, mas seu cumprimento último está em Jesus Cristo, o Rei (At 13.33), e suas recomendações podem ser assimilados por todos os cristãos.

Leupold (1961, p.42) vê esse salmo como sendo “tipicamente messiânico”, o que quer dizer que ele trata de reis de Judá que enfrentam e experimentam o antagonismo de nações, mas investidos da autoridade dada por Deus; ele enfatiza que a submissão aos reis é submissão ao próprio Senhor, e a guerra contra reis que o Senhor investiu, é guerra contra o próprio Deus. No caso, “esse rei terreno serve como um tipo de Cristo, não acidentalmente, mas em virtude da designação do próprio Deus” (Leupold, 1961, p. 42).

Além disso, as palavras do salmo “tu és o meu filho” (v. 7) são citadas e parafraseadas algumas vezes durante o ministério terreno do Senhor Jesus. Em seu batismo (Mt 3.17), na transfiguração (Mt 17.5) e na sua ressurreição. “É sobretudo na ressurreição de Jesus que ele declara publicamente que ele é o Rei, o Filho de Deus” (Rm 1.4) (Craigie, 1983, p. 69).

O salmo pode ser dividido em quatro seções: 1) Nações se rebelam e conspiram contra o Ungido de Deus (v.1-3); 2) Deus zomba do suposto e pretendo poder dessas nações, anunciando a constituição do seu rei (v.4-6); 3) o rei davídico fala e declara as palavras de Deus em seu decreto real (v.7-9); 4) as nações e seus reis são alertados e aconselhados quanto à ira de Deus e suas consequências e o que deles se espera (Craigie, 1983, p. 65), a saber, temor, tremor e honra ao Rei.

O fato é de que esse salmo nos coloca no meio a uma disputa de poderes. No entanto, ao contrário de diversos poderes hierárquicos, Deus nos apresenta, através do salmista, apenas dois poderes, um contra o outro, mas um acima do outro. De um lado, nações e seus reis, e, do outro lado, estão o Senhor e seu Ungido (Saleska, 2020, p. 150). Povos e indivíduos ficam apenas com a pretensão de serem potências, pois Deus exaltou o seu Ungido para que diante dele todo o joelho se dobre, nos céus e na terra, e todos confessem que Jesus Cristo é o Senhor (Fp 2.10,11).

A igreja primitiva e os cristãos individualmente vivem nessa luta de poderes, com o detalhe de que não são os cristãos e a igreja que são atacados ou perseguidos, mas é o próprio Ungido do Senhor, verdade expressa em sua oração durante a perseguição à igreja cristã e que são palavras do Salmo 2. “Tu, Soberano Senhor, fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há! Disseste por meio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo: ‘Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? Os reis da terra se levantaram, e as autoridades se juntaram contra o Senhor e contra o seu Ungido’” (At 4.24-26). Assim, o salmo encontra seu cumprimento na pessoa e obra de Jesus, como rei ressurreto, e no tumulto e rebeliões diários de reis, perseguidores e forças espirituais do mal que procuram subjugar a igreja e indivíduos cristãos (Ef 6.10-20). Submeter-se às autoridades instituídas por Deus é submissão ao próprio Senhor, e a guerra contra essas autoridades ou contra a igreja, é guerra contra o próprio Deus.

## **TEMOR, TREMOR E ALEGRIA**

Esse é o cenário teológico mais amplo do salmo, e agora o foco está nos conselhos que Deus dá ao seu povo e aos quais queremos dar destaque. “Sirvam o SENHOR com temor e alegrem-se nele com tremor” (v.11). Essa é a lição que reis terrenos, igreja e cristãos individualmente devem aprender quando estão diante do Rei Jesus. Sirvam ou adorem o Senhor com temor, este é o começo de tudo (Pv 9.10; Jó 28.28; Sl 111.10) e alegrem-se nele com tremor, que juntando ao início do versículo 12, “beijem o Filho”, indica a honra que lhe é devida como o soberano Rei de toda a terra.

E Lutero, o que o reformador diz sobre o temer e o tremer?<sup>1</sup> Primeiramente, sua interpretação teológica do salmo aponta para Jesus, como rei e autor da salvação.

Até este ponto do salmo o profeta ensinou que Cristo, o Rei, foi estabelecido no Monte Sião. Ele também descreveu sua natureza e sua grandeza, ou seja, que ele é o Filho de Deus, gerado desde a eternidade, verdadeiro Deus e, ainda assim, um homem nascido no tempo para que pudesse receber o trono de Seu pai Davi e governar em Sião (Lutero, 1955, p. 69).

A novidade talvez seja a ênfase evangelística que Lutero oferece em sua abordagem ao afirmar que essa verdade não pode ficar reclusa, mas deve ser espalhada para todos, uma vez que todas as nações foram entregues a Jesus como Rei e todos os seres humanos da face da terra devem se voltar a ele com seus olhos, ouvidos e corações. A razão disso é porque “[...] somente ele tem vida. Somente ele justifica. Somente ele salva” (Lutero, 1955, p. 70).

Quanto aos conselhos específicos nos versículos 11 e 12, pode-se afirmar que Lutero entende que Deus deseja que todos os que foram alcançados pelo Rei Jesus, deveriam cessar os tumultos, se humilhar e se colocar na posição de discípulos, além de se deixar julgar e se perceber como pecadores condenados que precisam ouvir a esse Filho. É isso que o

---

<sup>1</sup> Os comentários de Lutero do Salmo 2 a serem considerados são de seus escritos de 1532, que provavelmente foram ministrados em aulas e posteriormente editados.

Pai ordena. Todos aqueles que desejam servi-lo, devem verdadeiramente fazê-lo, ouvindo a Jesus.

Outra ênfase de Lutero é quanto à expressão “servir”. Primeiro, ele desconstrói o pensamento teológico medieval que afirmava que “servir a Deus” seria nada mais nada menos do que migrar para o deserto, abandonar os deveres civis e domésticos e se esconder dentro de um mosteiro. O reformador argumenta que se Deus ensina através dos apóstolos mandamentos para o exercício das vocações diárias, como o amor dos cônjuges, a obediência dos servos, a prudência e cautela dos senhores, dentre outros, “não é tolice, então, ensinar que servir a Deus significa fugir dessas vocações na vida?” O ponto de Lutero é que nem tradições humanas nem mesmo aquelas leis cerimoniais instauradas pelo próprio Deus, como a circuncisão, substituem em hipótese alguma o que Deus instituiu, “Pois, este novo Rei chegou e um novo serviço ou culto foi estabelecido” (Lutero, 1955, p. 71). Este novo culto, por sua vez, nos remete ao Decálogo e ao texto de Mateus 4.10: “Adore o Senhor, seu Deus, e preste culto somente a ele”.

Lutero costuma distinguir dois aspectos do servir ao Senhor, da seguinte maneira: a “adoração” é feita por alguém convertido a Deus, e o “serviço” é realizado por alguém enviado por Deus. Em outras palavras, “adorar” é usado para aquele que se aproxima de Deus no culto, mas “servir” é usado para aquele que é enviado a uma missão em nome de Deus. Pois quem adora cai de joelhos e mostra sinais de submissão. Este é um tipo de serviço passivo; quem se volta para o Senhor dessa forma, com fé firme em sua misericórdia, por causa de Cristo, recebe o perdão dos pecados e é justificado. Depois de ter sido recebido na graça, sai de certa forma da presença de Deus, volta-se para as pessoas e cumpre o mandamento de Deus relativo ao serviço às pessoas. Agora que foi justificado pela fé, Paulo faz obras justas cumprindo seu dever ensinando; o oficial piedoso, governando; o chefe de família, trabalhando. E assim eles servem a Deus. Certamente não fazem o que lhes agrada, como os monges, mas o que Deus ordena (Lutero, 1955, p. 72).

Portanto, servir a Deus não é outra coisa senão fazer aquilo que Deus pede em sua Palavra. Em primeiro lugar, ouvindo o rei Jesus, e, em segundo lugar, observando os deveres civis, domésticos e obras prescritas nos Dez Mandamentos, reconhecendo isso como atos de obediência à

sua vontade. “E tudo o que fizerem, seja em palavra, seja em ação, façam em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17).

Servir a Cristo, então, não é colocar um capuz ou se preocupar com cerimônias mosaicas. Mas é algo inteiramente espiritual, não da maneira como os monges falam de algo espiritual que ocorre apenas no coração. É um serviço espiritual que se origina no Espírito. Pois quem fala as palavras do Espírito é corretamente chamado de pregador, mestre e orador espiritual. Assim, também se diz que vive espiritualmente quem se ocupa com obras santas, ou seja, quem faz o que está prescrito nos Dez Mandamentos. Portanto, o chefe de família vive espiritualmente quando governa sua própria casa pela fé no Filho de Deus. Na verdade, a obediência espiritual é fazer, pela fé no Filho de Deus, o que você é ordenado a fazer pelo mandamento de Deus. Aí você tem o que significa servir a este Rei. Não é entrar em um mosteiro, como os monges costumam fazer, nem escolher estas ou aquelas ações, mas contemplar este Rei, ouvi-lo e, depois, fazer o que você ouviu (Lutero, 1955, p.73).

Quanto ao servir com “temor”, Lutero entende que Deus tem em vista primariamente todos aqueles que se fiam nas suas riquezas e poder e não prestam esse serviço, tanto ouvindo a Jesus, quanto cumprindo os deveres civis e domésticos, em humildade. Qualquer tipo de presunção humana impede o verdadeiro serviço a Deus. “Portanto, Deus acrescenta uma ameaça à exortação. Pois, como ele vê que eles [reis] estão orgulhosos e seguros por causa de seu poder, ele os adverte a se humilharem, a desistirem de todas as suas defesas e, como suplicantes, a se prostrarem aos pés deste Rei e ouvi-lo” (Lutero, 1955, p. 74).

Neste ponto, é importante notar uma distinção que Lutero faz quanto ao público-alvo dessa exortação ao temor. São principalmente os reis, que podem ser inflados com poder; os que governam e mestres com sabedoria, e, em geral, todos os que retêm em sua crença de que são santos por si mesmos. “Estas são as pessoas a quem o Espírito diz: ‘Sirvam com temor’. Quanto aos outros, que estão aflitos, que carecem de apoio humano, que lutam não apenas contra a fome, mas também contra os pecados e a sua consciência, já foram submetidos ao temor de Deus. Portanto, este sermão não se aplica a eles, mas sim à mensagem

sobre acreditar no perdão dos pecados através do Filho de Deus, que se sacrificou por nós” (Lutero, 1955, p.74).

Já o alegrar-se com “tremor” é interpretado por Lutero como sendo uma palavra de consolo do Espírito Santo, que não deseja que tenhamos tanto receio a ponto de ficarmos dominados pelo medo e pelo desespero. Assim como Deus deseja que a presunção seja abolida e, por essa razão, ordena que tenhamos temor, ele também deseja que o desespero seja abolido e ordena que trilhemos o caminho real, temendo e esperando ao mesmo tempo (Lutero, 1955, p. 75).

Essa simultaneidade do temor e da alegria é possível na medida em que se crê que somos justificados pela misericórdia de Deus e pela graça de Cristo, pois é Deus que realmente nos torna seus filhos. O temor a Deus, não como um tirano, mas como os filhos temem seus pais, a saber, com respeito. Agindo em respeito e reverência a Deus, os filhos temperam o temor de Deus com alegria e esperança, permanecendo em humilde reverência, para que seu espírito não se torne arrogante nem presunçoso. Este é o verdadeiro serviço a Deus.

No entanto, é necessário acrescentar que os pecados mantêm cativos os cristãos, de modo que não podemos nos alegrar com medo ou temer com exultação. “Essa mistura que o Espírito Santo apresenta aqui é muito difícil, e é totalmente impossível alcançar um equilíbrio de peso, pois temer e se alegrar são dois estados de espírito totalmente contraditórios. E, no entanto, se quisermos ser cristãos, é necessário que temamos e nos alegremos” (Lutero, 1955, p. 77). Quem sabe o Salmo 147.11 resume bem essa combinação de emoções ou sentimentos que Deus Espírito Santo cria e sustenta nos cristãos: “O Senhor se agrada dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia” (Sl 147.11).

Isso leva a discussão agora para o significado do temor servil e do temor filial. Segundo Lutero (1955, p. 77), a distinção é fácil de compreender. Quando um pai disciplina seu filho, este não perde toda a esperança de misericórdia paterna, pois vê que o castigo terá um fim. Todavia, esse não é o caso de um ladrão que teme ao carcereiro. Ele não terá essa mentalidade de esperança na misericórdia do carcereiro quando é punido, e ele até se desespera, na medida em que não vê fim para o seu castigo. Só que quando pensamos que estamos sendo punidos por Deus, é quase impossível nos convencer facilmente de que ele é o nosso Pai, e podemos

chegar a pensar que Deus está irado, e sua ira não terá fim. Nessa hora, é sábio lembrar que você é filho de Deus, que Deus pode nos disciplinar, assim como um pai disciplina o filho a quem ama, e sua ira dura apenas um momento (Sl 30.5).

A Apologia da Confissão de Augsburg articula esse temor filial e servil apontando para uma combinação do medo com a fé. “E assim se pode definir claramente o temor filial como sendo um medo associado à fé, isto é, quando a fé consola e sustenta o coração temeroso. Temor servil é quando a fé não sustenta o coração temeroso” (Apologia da Confissão de Augsburg, 2025, p. 224.12-14).

Para Lutero, viver em temor e ao mesmo em esperança é uma arte, a qual Davi compreendeu muito bem. Ele não abandonou a esperança quando foi punido, pois continuou a invocar a Deus, e mesmo que sua alegria fosse muito fraca, ele conseguiu superar o medo, pois via o fim para sua punição. Ele não sente que não há lugar para a misericórdia de Deus, como no caso de um carcereiro que pune um ladrão, e mesmo enquanto recebe golpes, ele pensa consigo mesmo: “Ele é meu Pai; Ele não ficará zangado para sempre” (Lutero, 1955, p. 78). Em outras palavras, o temor filial é o medo misturado com alegria e esperança. A prática disso, contudo, não é fácil, mas filhos de Deus nos deixaram exemplos a seguir seus passos e aprender essa arte, especialmente quando o Espírito Santo nos assiste em nossas orações (Lutero, 1955, p. 78).

É uma arte a ser aprendida. O apóstolo aprendeu na prática que na sua fraqueza o poder de Deus se manifestou. Ele não experimentou um puro temor a Deus, pois ainda não vivia no paraíso.

Se um jovem ou um idoso não tivesse mais nenhum senso de pecado, se não fosse mais atormentado pela desesperança, ele simplesmente já estaria no reino dos céus. Mas esta vida não deve ser assim; na verdade, não pode ser assim. A alegria pura não deve ser sentida. O medo deve estar misturado a ela. Enquanto eu viver, tentarei fazer o que de acordo com os meus desejos. Nunca corrigiremos isso perfeitamente. E, portanto, não devemos nos desesperar por esse motivo. Pois o Espírito está oculto, mas Deus o vê. Porque nos apegamos a Cristo com fé, ele perdoa de bom grado os pecados que cometemos. Esta é uma parte da adoração divina, que servimos a Cristo, o Rei, com temor e nos regozijamos nele com tremor (Lutero, 1955, p. 79).

Além disso, é importante notar o porquê de Deus unir a alegria ao tremor. Caso alguém sentisse a alegria pura, seguir-se-ia a presunção e, com ela, a condenação. Assim, “[...] devemos misturar essas coisas de tal forma que nos regozijemos em Deus, mas fiquemos perturbados dentro de nós mesmos, pois não somos apenas tolos, mas também pecadores miseráveis. Há, portanto, motivos suficientes para trememos e temermos” (Lutero, 1955, p. 79).

Devemos, portanto, aprender a realizar essa adoração a Deus e distingui-la de todas as coisas externas. Pois Deus não se importa se você é rei ou servo, casado ou solteiro, homem ou mulher, professor ou aluno. Essas são “instituições humanas” ou criaturas, como Pedro as chama (1 Pedro 2.13), para as quais Deus quis que houvesse senhores e governantes. Ele não se importa se você jejua ou come, desde que o faça para o seu próprio bem. “Tudo isso”, diz Ele, “não tem nada a ver comigo e com minha adoração. Pois adorar-me significa reverenciar-me, aceitar todas as coisas de mim, reconhecer-me, falar de mim, louvar-me, porque tudo no mundo inteiro é meu, confessar que, quando você está sem mim, você é pecador, tolo e fraco. Significa reconhecer que eu não sou um tirano, que eu não os humilho como se desejasse que vocês se perdessem, mas para que eu possa chamá-los de volta do orgulho e ensiná-los a ser humildes. Como fiz isso por meio de uma cruz, desejo que vocês sejam elevados para que possam levantar suas cabeças e olhos para o meu Cristo. Pois se lhes falta sabedoria, justiça ou força, vocês têm ali a fonte de toda sabedoria e justiça. Assim, vocês me servirão com temor e se alegrarão com tremor. De acordo com nosso sentimento, o tremor é muito grande, mas a alegria é pequena. No entanto, a alegria finalmente triunfará com grande poder (Lutero, 1955, p. 80).

Lutero diz que quando era jovem, ele não gostava muito desse versículo, pois não aceitava a ideia de que Deus teria que ser temido com prazer e alegria. Porém ele não sabia que este temor precisa vir acompanhado da alegria e da esperança. Na verdade, “[...] eu não sabia a diferença entre as nossas obras e as obras de Cristo” e nele aguardar com esperança (Lutero, 1955, p. 80).

Em suma, nós, que somos cristãos, não somos totalmente medrosos nem totalmente felizes. A alegria se une ao medo, a esperança ao pavor, o riso às lágrimas, para que possamos acreditar que finalmente



seremos perfeitamente felizes quando nos livrarmos desta carne. Pois, assim como a carne não pode se livrar do medo, ela tem um propósito em estar com medo, para que não se torne presunçosa (Lutero, 1955, p. 81).

Dessa maneira, o Salmo 2 descreveu o serviço de Deus, pois temer a Deus e confiar nele é a verdadeira religião. Onde esses dois estiverem equilibrados, a vida toda será santa. Quando houver a proporção ideal do temor e da alegria, quaisquer obras ou cerimônias externas serão administradas de maneira adequada.

## **X SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LUTERO E O CONTEÚDO DESTES NÚMEROS**

A presente edição da Revista *Igreja Luterana* apresenta os frutos do X Simpósio Internacional de Lutero, realizado nos dias 27 e 28 de junho de 2025, no campus do Seminário Concórdia e da Faculdade Luterana Concórdia.

Schwambach aborda o conceito de “fé nicena” a partir de um esboço das decisões teológicas do Concílio de Niceia, no ano de 325 (Credo Niceno), e da ampliação do texto no Concílio de Constantinopla, em 381 (Credo Niceno-Constantinopolitano), e apresenta as teses conclusivas sobre a contribuição e a relevância da fé nicena para a vida da igreja até o período da Reforma protestante.

Rieth explora a recepção complexa do Concílio de Niceia e do Credo Niceno-Constantinopolitano na obra de Martinho Lutero. O legado de Niceia, visto hoje como um símbolo de unidade cristã, teve uma história de recepção conturbada, com debates e reinterpretações. Lutero não via o Concílio de Niceia como um evento estático do passado, mas como uma fonte dinâmica de reflexão teológica. O estudo conclui que a teologia de Lutero sobre os concílios, centrada na justificação pela fé e na autoridade das Escrituras, demonstra uma abordagem sóbria e crítica.

Prunzel analisa a exposição do Credo no *Catecismo Maior* de Martinho Lutero, considerando seu enraizamento nos credos da igreja antiga (Apostólico, Niceno e Atanasiano) e sua função no *Livro de Concórdia* como *norma normata* da fé cristã. Os resultados da pesquisa mostram

que Lutero estrutura o Credo como resposta pastoral e confessional ao Primeiro Mandamento, destacando que criação, redenção e santificação são obras interdependentes das três Pessoas da Trindade, realizadas em favor do pecador e testemunhadas pela confissão de fé nas pessoas e obras do Deus Triúno.

Mayes pesquisa a compreensão da fé nicena na teologia de Johann Gerhard (1582-1637) e seu modelo para a consideração dos pais da igreja na tradição luterana. Os resultados da investigação mostram que, para Gerhard, a única fonte e autoridade para a teologia é a Escritura Sagrada. Ainda assim, os pais da igreja devem ser lidos com discernimento, pois eles são professores e recursos indispensáveis para a igreja.

Já na seção dos artigos com tema livre, Linden apresenta pesquisa sobre o uso de princípios teológicos para a avaliação de métodos evangelísticos na propagação do evangelho, tendo como objetivo apresentar uma aplicação dos artigos da Confissão de Augsburgo como base para a análise teológica de métodos evangelísticos.

Hoffmann analisa em seu artigo a posição da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) frente a escritos considerados controversos de Martinho Lutero sobre os judeus, partindo de uma demanda da sociedade civil por um pedido de desculpas. O artigo conclui que a “dissociação qualificada” permite à IELB e a outras igrejas luteranas repudiarem oficialmente a violência dos escritos tardios, reafirmando que a identidade da igreja se fundamenta em Cristo e na palavra de Deus, e não na figura falível do reformador.

Rios, por sua vez, pesquisa sobre o pronome relativo como recurso presente em diversos idiomas e suas peculiaridades em cada uma, especialmente no grego antigo. A reflexão parte de uma consideração do pronome relativo em português, e passa por uma comparação com o hebraico bíblico, antes de introduzir o pronome relativo em grego em seus usos esperados e, também, mais inesperados, por meio de exemplos, comentários e diálogo com gramáticas.

Já na seção das traduções, Schmitt faz uma análise da pregação luterana contemporânea, frequentemente caracterizada pela expressão “lei e evangelho”, questionando sua formatação rígida ou inflexível. Os resultados da pesquisa mostram que a pregação cristã, para ser fiel ao evangelho, deve integrar lei e evangelho em conteúdo e função, utilizando

a liberdade de formas homiléticas que melhor comuniquem o significado das Escrituras centrado na morte e ressurreição de Cristo, atendendo a diferentes contextos e ouvintes.

É isso! Deus seja louvado por mais esse conteúdo disponibilizado, e que ele seja em benefício da igreja e do Reino de Deus.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

APOLOGIA DA CONFISSÃO DE AUGSBURGO. *In: Livro de Concórdia – As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 3. ed. Trad. (1. ed.) Arnaldo Schüller. Revisores (3. ed.) Nélcio Schneider e Vilson Scholz. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2025.

CRAIGIE, Peter C. *Word Biblical Commentary – Psalms 1-50*. Waco: Word Books Publisher, 1983.

LEUPOLD, H.C. *Exposition of the Psalms*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1959.

LUTERO, Martinho. Selected Psalms I. *In: Luther's Works*, v.12. St. Louis: Concordia Publishing House, 1955.

SALESKA, Timothy E. *Concordia Commentary – Psalms 1-50*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2020.